



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil

**21 a 25 de novembro de 2022**

**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

## **Motivos de não participação em ações de extensão: percepção de estudantes das áreas tecnológicas**

Wagner Ragi Curi Filho, UFOP, [wagner@ufop.edu.br](mailto:wagner@ufop.edu.br)

Rafael Lucas Machado Pinto, UFOP, [rafaellucas@ufop.edu.br](mailto:rafaellucas@ufop.edu.br)

Fernanda Cristina Gomes, UFOP, [Fernanda.cg1@aluno.ufop.edu.br](mailto:Fernanda.cg1@aluno.ufop.edu.br)

Lucas Paradiso Lopes, UFOP, [lucas.paradiso@aluno.ufop.edu.br](mailto:lucas.paradiso@aluno.ufop.edu.br)

Viviane da Silva Serafim, UFOP, [viviane.serafim@ufop.edu.br](mailto:viviane.serafim@ufop.edu.br)

### **RESUMO**

Este artigo possui como objetivo analisar os motivos pelos quais estudantes das áreas tecnológicas participam ou não de ações de extensão durante sua graduação. Para tal, foi realizada uma coleta de dados por meio de formulário eletrônico, tendo sido obtidas 68 respostas de 4 cursos distintos que responderam questões sobre: Período de ingresso e sentimento em relação à universidade e ao curso; Participação dos estudantes em atividades acadêmicas e; Participação dos estudantes em atividades de extensão. Os respondentes foram alunos de uma universidade pública brasileira, situada em um campus fora de sede, no interior de Minas Gerais. Os principais motivos para não participar de ações de extensão são: 1) não possuem tempo, pois trabalham (27,7%); 2) nunca tiveram vontade de participar, embora conheçam ações de extensão (14,9%); 3) não sabem como participar de ações de extensão (12,8%) e não possuem coeficiente para terem bolsa e não participariam como voluntários (12,8%).

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação em ações de extensão. Motivos. Período de Ingresso. Estudantes de áreas tecnológicas.



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

## **INTRODUÇÃO**

A partir da curricularização da extensão universitária (BRASIL, 2018), exigência de inserção de 10% da carga horária de extensão nas estruturas curriculares dos cursos de graduação de graduação do Brasil, cresce a preocupação das Instituições de Ensino Superior (IES) com as ações de extensão. Ressalta-se que o processo de curricularizar a extensão está longe de ser uma tarefa fácil. Mesmo antes da obrigatoriedade, realizar ações de extensão já era tarefa hercúlea, realizada por poucos docentes e técnicos administrativos das IES do Brasil (NEVES e MALTA, 2014). A indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, prerrogativa na Constituição brasileira, nunca esteve presente, de fato, no seio das IES (GONÇALVES, 2015).

O desafio da realização da extensão passa por obstáculos de origens distintas. Apenas considerando fatores internos às IES, pode-se destacar como entraves para a realização de ações da extensão: a falta de recursos (CARBONARI e PEREIRA, 2007), a falta de motivação dos docentes e técnicos para coordenarem ações de extensão (SÌVERES e CARVALHO, 2013), a dificuldade de compreensão por docentes e técnicos administrativos sobre os princípios da extensão universitária (CURI FILHO et al, 2021) e, eventualmente, a falta de motivação dos estudantes em participar em ações desse tipo.

Diante de uma universidade sucateada (LUSA et al., 2019), docentes desmotivados (CAMPOS, VÉRAS e ARAÚJO, 2020) e estudantes desmotivados e ainda em um cenário de curricularização da extensão, muitas são as perguntas que podem gerar estudos e pesquisas. Uma dessas perguntas foi o norte deste trabalho. Quais fatores tem desmotivado os estudantes a participar de ações de extensão?

Para contribuir em uma resposta para esta pergunta norteadora, este trabalho possui como objetivo geral identificar os motivos pelos quais estudantes de cursos das áreas tecnológicas não participam ou saem de ações de extensão após pouco tempo. Os dados foram coletados em uma unidade acadêmica de cursos de graduação dessa área, situada em um campus fora de sede onde a IES possui apenas esta unidade.



## **XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil

**21 a 25 de novembro de 2022**

**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

O objetivo geral deste trabalho pode ser desmembrado nos seguintes objetivos específicos:

- 1) identificar se há relação entre o momento da entrada na universidade e a participação em ações extensão, especialmente em uma comparação antes e depois da suspensão das atividades presenciais decorrente da Pandemia em razão da Covid-19;
- 2) identificar se outras atividades acadêmicas possuem relação à desmotivação para participar de ações de extensão e;
- 3) identificar se estágio e trabalho possuem relação à desmotivação para participar de ações de extensão.

Este trabalho está organizado em seis partes, sendo a primeira esta introdução. A segunda é dedicada a apresentar um referencial teórico no qual se discute as dificuldades de se realizar extensão universitária no Brasil. Já a terceira parte do trabalho apresenta os aspectos metodológicos. A quarta parte contém os resultados apresentados em conjunto à discussão. A quinta parte é constituída pelas considerações finais. Por fim, é apresentada a lista de referências.

### **REFERENCIAL TEÓRICO: A EXTENSÃO E SEUS DESAFIOS**

A constituição brasileira em seu artigo de número 207 estabelece que as instituições de ensino superior devem trabalhar com ensino, pesquisa e extensão de forma equivalente e indissociável (BRASIL, 1988). Dos três eixos a serem trabalhados no ensino superior, a extensão foi a última a surgir, sendo a universidade de Cambridge a primeira a criar um curso formal de extensão em 1871. No Brasil, a extensão teve início em 1911 em São Paulo, e depois se estendeu para o Rio de Janeiro, Viçosa e Lavras, seguindo vertentes típicas europeias como a educação voltada para classes populares e prestação de serviço na área rural (PAULA, 2013).

Ao longo de sua história, a extensão universitária enfrentou problemas até mesmo na sua compreensão como atividade. Carbonari e Pereira (2007) detalham que, ao longo



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

da história, a extensão foi criticada por ter caráter assistencialista, paternal e domesticador de comunidades. Além disso, ao longo da história cada instituição desenvolve uma própria interpretação do que é extensão. Ainda segundo Carbonari e Pereira (2007), pode-se perceber que, no geral, a extensão é uma consequência de normativas e não de uma reflexão sobre o papel social de cada instituição. As autoras ainda destacam que é comum não haver consenso sobre o que é extensão no seio das universidades.

Ao longo dos anos o conceito de extensão foi amplamente debatido até que a Política Nacional de Extensão Universitária tenha sido publicada no ano de 2012 (FORPROEX, 2012).

Sob a perspectiva delimitada na Constituição Federal (BRASIL, 1988), a extensão universitária surge como um pilar de conexão entre universidade e sociedade, denotando o posicionamento da universidade na sociedade que está inserida e a prática acadêmica (FORPROEX, 2012). A fim de estabelecer a formulação e a implementação da extensão universitária, diretrizes foram estabelecidas no FORPROEX, que surgem para solucionar problemas encontrados nas universidades.

“A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.” (FORPROEX, 2012, p. 15).

As diretrizes pactuadas no Fórum são, de maneira breve: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, impacto na formação do estudante e, por fim, impacto e transformação social (FORPROEX, 2012).

A interação dialógica é uma diretriz estabelecida a fim de alterar a situação de hegemonia entre universidade e sociedade, a partir do diálogo entre as duas partes, tendo como objetivo a criação de uma nova gama de conhecimentos adquiridos em



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

conjunto, que contribuam para a sociedade em algum tópico. Visando os frutos dessa diretriz, é necessário que sejam aplicadas metodologias que estimulem a participação de pessoas não universitárias, o que fomenta a inclusão da sociedade e destaca seu papel para a produção de um novo conhecimento (FORPROEX, 2012).

A interdisciplinaridade e interprofissionalidade é uma diretriz que surge com o objetivo de se criar relações de interação conceitos, modelos e metodologias. Ainda sob o olhar de interações, a diretriz de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão se enquadra como uma relação dos três tópicos da formação de um indivíduo, tendo como suposto a maior eficiência da extensão quando relacionada à formação (ensino) e à obtenção de novos conhecimentos (pesquisa).

O impacto na formação do estudante é uma diretriz que diz respeito às consequências da extensão no processo de ensino do indivíduo, seja por conta da ampliação de campo proporcionada, seja pelo enriquecimento teórico e metodológico. A diretriz de impacto e transformação social já diz respeito à visão da Extensão Universitária como mecanismo de transformação social, visando solucionar problemáticas específicas que sejam identificadas na sociedade e que, também, possam ocasionar transformações dentro das universidades, seguindo a primeira diretriz que indica a troca de experiências entre ambas as partes (FREIRE, 2010).

Tendo em vista as contribuições de Paulo Freire destacadas em sua obra “Extensão ou Comunicação” (FREIRE, 2010), muito se busca encontrar uma prática justa da extensão. Nesse sentido, Paula (2013) destaca que, dentre outros motivos, a falta de compreensão sobre o que é extensão relaciona-se ao fato de sua heterogeneidade, isto é, a extensão possui públicos amplos e difusos. O autor ainda destaca que a prática da extensão universitária possui implicações político-sociais abertas à “inter e à transdisciplinaridade, que valorize o diálogo e a alteridade” (PAULA, 2013: p. 6). Nas palavras do autor:

Para dizer de forma simples, a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias. (PAULA, 2013:6)

Apesar das críticas e dos desafios, a extensão universitária costuma contribuir de forma positiva para a comunidade e para o aprendizado do aluno, fazendo com que ambos tenham um crescimento positivo. O estudante que participa de um projeto de extensão desenvolve uma série de habilidades que serão úteis para sua vida pessoal, acadêmica e de trabalho destacando o engajamento social e o desenvolvimento de cidadania (COELHO, 2014).

Além da sua importância na formação dos discentes e sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade, a extensão universitária reafirma o papel das universidades, sobretudo nas instituições públicas, em enaltecer o protagonismo dos sujeitos, desenvolver práticas pedagógicas, políticas e éticas (CHAVES, 2017).

Um projeto de extensão quando bem executado, necessita da participação efetiva de todos os envolvidos. Nessa perspectiva faz-se necessário discutir o nível de engajamento dos envolvidos no processo, sendo assim é importante entender o conceito de engajamento acadêmico, Costa e Vitória (2017) o descreve como um processo multidimensional que engloba sobretudo, as dimensões afetiva comportamental e cognitiva dos estudantes, e que quando mobilizadas de forma conjunta, permitem o envolvimento afetivo dos estudantes com o meio e com as atividades acadêmicas, e assim acabam gerando engajamento.

O engajamento estudantil é uma questão que deve ser considerada ao discutirmos a extensão universitária e sobretudo ao explorarmos os motivos que levam os alunos a participarem dos projetos de extensão. O engajamento pode ser caracterizado como um fator comportamental, energético, emocional e desafiador. No contexto acadêmico o engajamento estudantil implica em uma experimentação por parte dos estudantes que vão além da autoeficácia, rendimento, autonomia, bem estar



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

e otimismo, mas também trata-se de preditor de elevado desempenho acadêmico aprendizagem, esforço, desenvolvimento pessoal e satisfação com a vida, influenciando igualmente o alcance de metas, a persistência, o envolvimento e o comprometimento na aprendizagem (MARTINS, MACHADO e VOSGERAU, 2021)

### Percepções dos estudantes sobre a extensão universitária

Dentre os desafios que permeiam a relação entre discente e extensão destaca se o obstáculo de encontrar motivações que desacomodem os estudantes para atuarem em atividades que não sejam apenas aquelas obrigatórias no currículo, uma vez que grande parte dos estudantes tem pressa para cumprir as atividades obrigatórias no currículo e saírem da faculdade. Esta falta de motivação é complexa visto que a maioria das faculdades brasileiras oferecem diversas atividades, sendo muitas delas com auxílios financeiros (DEUS, 2020).

Existem diversas questões que interferem nas relações entre os discentes e os projetos de extensão universitária. As dificuldades encontradas nos projetos de extensão podem se tornar obstáculos para a sua efetivação, dentre os principais relatadas pelos alunos, destacam-se a falta de experiência para lidar com um novo ambiente, dificuldade em traduzir de forma popular saberes acadêmicos, dificuldades em desenvolver uma metodologia dinâmica e falta de recursos materiais. Todos esses fatores acabam gerando um sentimento de preocupação nos alunos que atuam na extensão (DE OLIVEIRA, 2016).

Avaliando as percepções dos estudantes universitários em relação a participação deles em projetos de extensão pode-se destacar também que muitos avaliam como ponto positivo as contribuições da extensão para sua formação acadêmica e para as interações sociais. Contudo, os alunos também destacam que as agendas e horários de realização dos projetos são incompatíveis com a vida acadêmica e pessoal. Ademais, eles apontam que a falta de compromisso de alguns de seus colegas acabam faltando demais interferindo diretamente nas atividades extensionistas (FRANÇA,2021).



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

A extensão faz com que o estudante possa, em conjunto da comunidade, desenvolver soluções para os problemas sociais. Porém é importante destacar que muitos discentes desconhecem esta prática que é de suma importância para a universidade e a sociedade. Assim fica visível que existe uma séria desigualdade no desenvolvimento ensino, pesquisa e extensão. É comum os discentes darem menos destaque para a extensão do que a costumam dar para o ensino e para a pesquisa (SANTANA 2012).

Pode-se concluir que a universidade pode ter papel importante no desenvolvimento econômico e social. E, para que isto se torne possível, é preciso que os problemas sociais sejam trabalhados em uma perspectiva dialógica, o que acontece por meio dos projetos extensionistas (DE NEZ, 2016). Assim, a universidade poderia assumir um papel ativo no desenvolvimento justo, democrático, moderno e sustentável da sociedade, tendo uma grande responsabilidade na solução de problemas sociais (COSTA, 2021). Por fim, há de se reforçar a importância da extensão para a qualidade da formação acadêmico-profissional-humana. Os docentes e discentes que vivenciam a extensão aprendem e desenvolvem conhecimentos plurais (RIBEIRO 2017).

## **METODOLOGIA**

Diante do objetivo de identificar os motivos que contribuem para os estudantes não participarem ou saírem de ações de extensão, esta pesquisa coletou dados junto aos estudantes de uma unidade acadêmica que possui cursos das áreas tecnológicas. Esta unidade faz parte de um conjunto de 12 unidades acadêmicas de uma universidade pública brasileira, distribuídas em 3 cidades do interior de Minas Gerais. A unidade acadêmica, onde esta pesquisa foi realizada, é a única unidade na cidade em que está localizada. Esta unidade possui 1100 estudantes de graduação distribuídos em 4 cursos de graduação na modalidade presencial, sendo 3 engenharias e sistemas de informação. A unidade também possui um mestrado também na área de engenharia.





**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Para buscar compreender o comportamento dos alunos da unidade acadêmica analisada em relação a ações extensionistas, optou-se pela aplicação do método de questionário. Segundo Malhotra (2010), o questionário pode ser entendido como a elaboração de um conjunto de perguntas que buscam obter informações de um determinado entrevistado. Sendo seu objetivo principal traduzir as informações de interesse do entrevistador em questões que os entrevistados estejam dispostos a responder. O questionário foi elaborado empregando-se perguntas estruturadas e um espaço para comentários. Foi utilizada a plataforma de desenvolvimento de formulários do Google Docs.

#### **Classificação metodológica da pesquisa**

De acordo com Gil (2019), a pesquisa científica pode ser compreendida como um procedimento racional e sistemático, que busca proporcionar respostas aos problemas observados e que precisam ser analisados. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Do ponto de vista da natureza da pesquisa, este estudo pode ser classificado como uma pesquisa básica, que visa a compreensão de fenômenos. Trata-se de uma pesquisa que procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática. É a pesquisa formal, tendo em vista generalizações, princípios, leis. Tem por meta o conhecimento pelo conhecimento (TURRIONI e MELLO, 2017).

Quanto aos objetivos, caracteriza-se por possuir aspectos de pesquisa exploratória. Segundo Gil (2019), as pesquisas exploratórias buscam proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou ao fenômeno estudado. Para Marconi e Lakatos (2017), tratam-se de investigações empíricas com objetivo de descrever hipóteses, aumentar a



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

familiaridade do pesquisador com o ambiente e modificar ou tornar mais conhecidos alguns conceitos. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Quanto à forma de abordar o problema, a pesquisa possui características quantitativas visto que os resultados são fruto análises estatísticas descritivas a partir dos resultados do questionário.

Quanto ao método, pode ser classificada como pesquisa levantamento ou survey, que é empregada quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Além disso, técnicas estatísticas podem ser empregadas para selecionar uma amostra significativa para representar o comportamento de uma determinada população de interesse. (GIL, 2019)

### Amostragem

Para representar os elementos da população-alvo foi utilizado a estrutura de amostragem, que consiste na orientação para identificar essa população. Por se tratar de elementos selecionados de forma aleatória, a seleção de amostragem utilizada foi a probabilística, nesse caso os intervalos de confiança podem ser calculados em torno de estimativas da amostra (MALHOTRA, 2010).

Este estudo foi realizado em uma população finita. Para este tipo de população, Levine *et. al.* (2000) define que o tamanho da amostra pode ser obtido com base na estimativa da proporção populacional, representado pela equação 1.

$$n = \frac{N \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{\hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \cdot E^2}$$

sendo:

n - número de indivíduos da amostra;



## XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil

21 a 25 de novembro de 2022

Rio de Janeiro - RJ, Brasil

N - tamanho da população;

p - estimativa da proporção populacional de indivíduos que pertence à categoria de indivíduos que estamos interessados em estudar;

q- estimativa da proporção populacional de indivíduos que pertence à categoria de indivíduos que não estamos interessados em estudar ( $q=1-p$ );

$Z_{\alpha/2}$ - valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado;

E - margem de erro ou erro máximo da estimativa.

O tamanho da população é equivalente ao número total de alunos da unidade acadêmica analisada (1100 alunos). Para o dimensional amostral, foi considerado um nível de confiança de 90% e um erro máximo da estimativa de 10%. Utilizando-se a tabela de distribuição de probabilidade normal, o valor crítico equivalente para este nível de significância adotado é  $Z(0,10/2) = 1,645$ . Como os estimadores das proporções populacionais p e q não são conhecidos, Levine *et. al.* (2000) recomenda adotar  $p=q=0,5$ . Substituindo-se todos estes parâmetros na Equação 1, obteve-se um tamanho amostral (n) de 64 indivíduos. Desta forma, essa é quantidade mínima de questionários que deverão ser analisados para se alcançar o nível de significância planejado. Para tanto, obteve-se 68 respostas dos alunos da unidade acadêmica analisada.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme apresentado na Metodologia, o questionário enviado aos estudantes foi dividido em blocos que serviram como referência para a apresentação dos resultados.



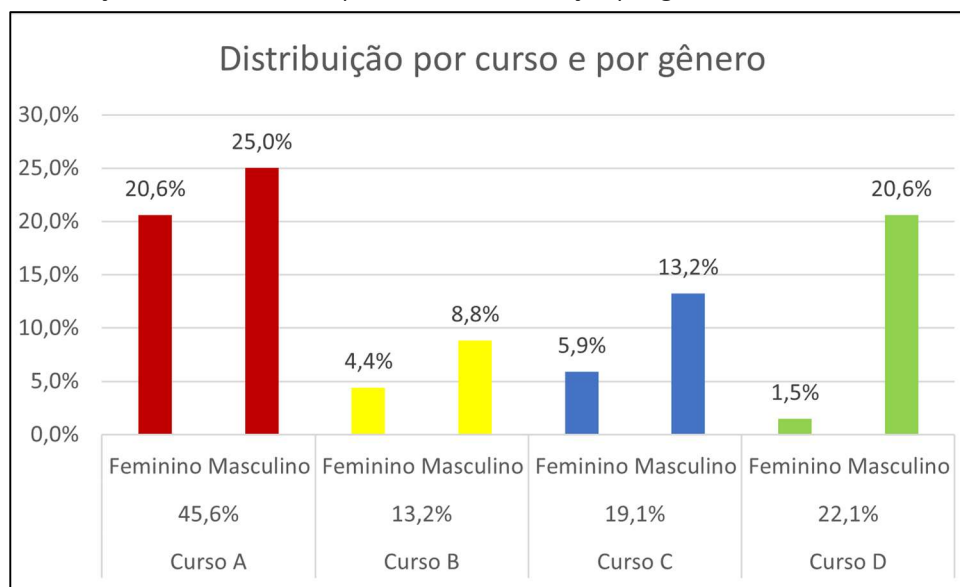
**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

### Período de ingresso e sentimento em relação à universidade e ao curso

A maioria absoluta dos respondentes, 45,60%, são estudantes do curso A, conforme pode ser observado na Figura 1. Possivelmente, essa situação se dá pela maior facilidade de inserção dos autores deste trabalho na comunidade do curso A.

Para além do Curso A, houve participação dos três outros cursos da unidade analisada. Cabe salientar que o Curso B possui menos estudantes que os demais. De toda forma, como a maioria das pesquisas que dependem de participação em questionários, infelizmente, o número total de respostas obtidas ficou aquém do nível de confiança desejado.

Figura 1- Identificação dos cursos dos respondentes e distribuição por gênero



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Embora na maioria dos cursos das áreas tecnológicas, tradicionalmente, haja maior presença de homens, quase metade dos respondentes do Curso A foram mulheres. No Curso D, ocorreu a maior discrepância entre gêneros dentre os cursos presentes na amostra.

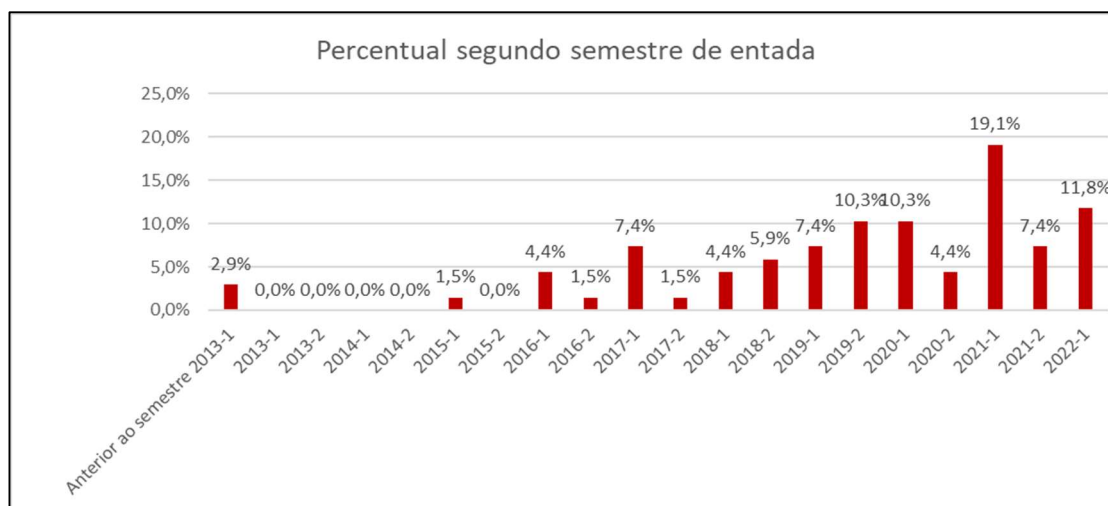
Ainda buscando identificar o perfil da amostra, observou-se que a maioria dos respondentes, 19,1%, ingressaram no primeiro semestre de 2019. Os dados



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

apresentados no gráfico da Figura 2 demonstram claramente a dificuldade de obter respostas dos alunos mais antigos da IES. Embora o formulário tenha sido enviado, por mais de uma vez, para os e-mails de todos os estudantes, mais de 50% daqueles que responderam, ingressaram na universidade a partir do primeiro semestre de 2020. Portanto, a maior parte dos estudantes da amostra estudaram parte de seu curso no formato remoto emergencial, utilizado a partir da suspensão das atividades presenciais, ocorrida em março de 2020, em razão da Pandemia decorrente da COVID-19.

Figura 2- Percentual de estudantes que entraram em cada semestre letivo



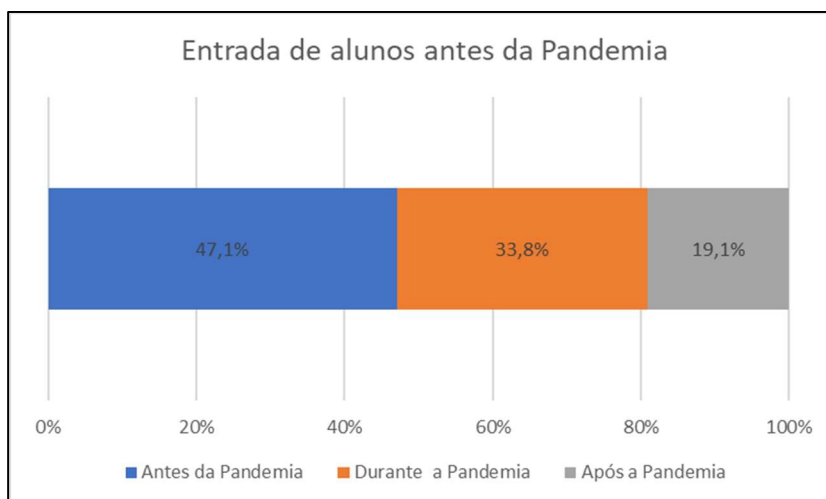
Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Na amostra analisada, não houve estudantes que ingressaram nos anos de 2013, 2014 e no segundo semestre de 2015. Separando os estudantes, conforme apresentado na Figura 3, entre aqueles que ingressaram antes, durante e após a suspensão das aulas presenciais, encontra-se que, 33,8% dos estudantes da amostra ingressaram na IES antes da pandemia (incluindo os estudantes ingressantes de 2020-1 que tiveram duas semanas de aulas presenciais), e 19,1% ingressaram após o retorno das atividades presenciais.



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Figura 3- Percentual de estudantes que entraram em cada semestre letivo



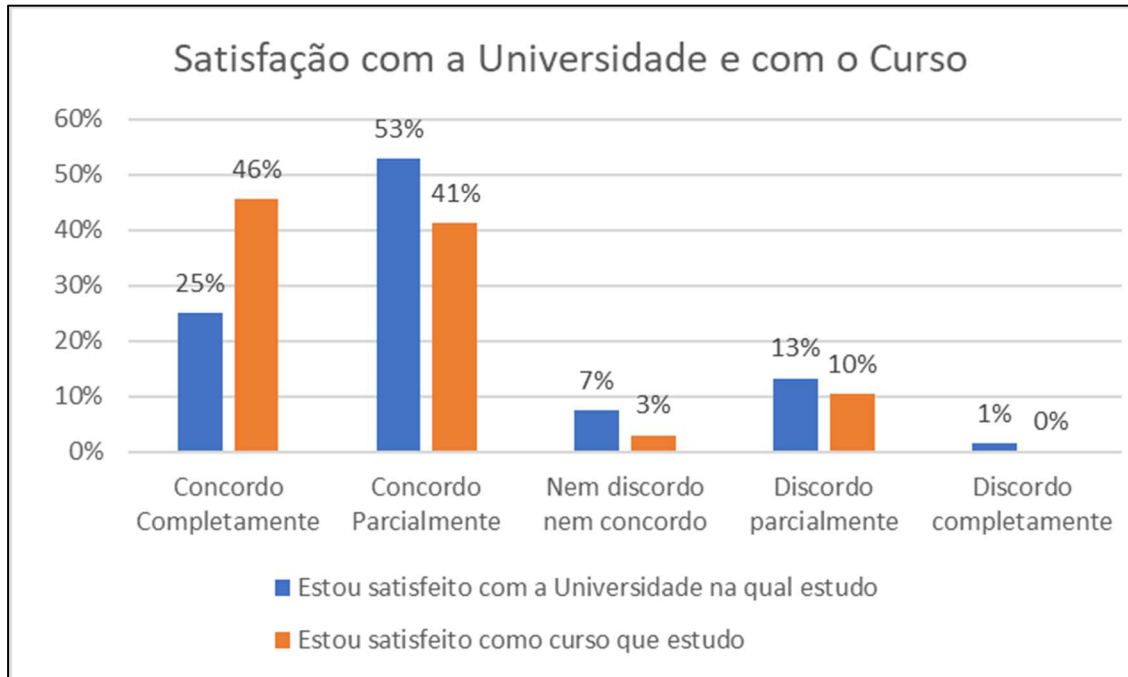
Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Além de identificar o curso, semestre de entrada e gênero, o primeiro bloco de perguntas também buscou identificar se os estudantes estavam satisfeitos com o curso e com a universidade. Essas duas perguntas, organizadas por escala Likert, foram elaboradas com o intuito de avaliar se os estudantes mais satisfeitos responderam de forma similar ou distinta daqueles insatisfeitos em relação aos motivos que os fizeram não participar ou deixar de participar de ações da extensão universitária. Observa-se na Figura 4 que os estudantes estão mais satisfeitos com o curso em relação à universidade. Somando as respostas “Concordo Totalmente” e “Concordo Parcialmente” tem-se que 78% dos respondentes estão satisfeitos com a IES e 87% com o curso. Outros 14% dos estudantes estão insatisfeitos com a IES (somando “Discordo Parcialmente” e “Discordo Completamente”) e 10% possuem algum grau de insatisfação com o curso.



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Figura 4- Sentimento dos estudantes em relação à universidade e ao Curso.



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Cabe ressaltar que os resultados sobre a satisfação com o curso e com a universidade surpreendeu os autores, visto uma percepção inicial intangível de grande desmotivação dos estudantes com a universidade no geral. Embora, há de ressaltar que a motivação dos estudantes não necessariamente está relacionada ao sentimento de (in) satisfação com o curso e com a universidade.

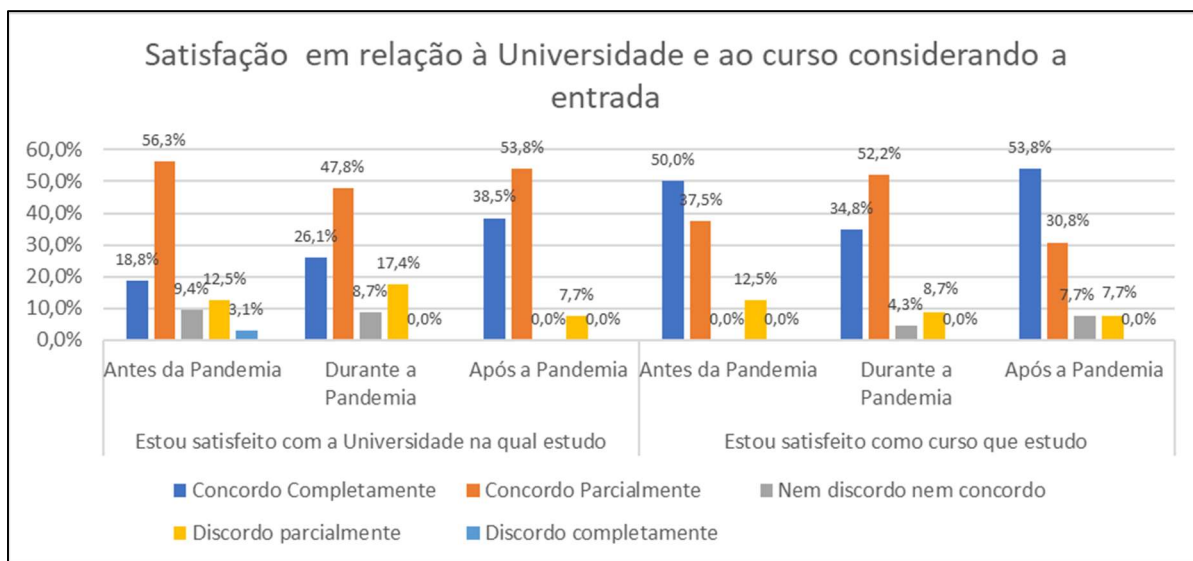
Quando se faz um recorte entre a partir do ingresso, considerando a suspensão das atividades presenciais como marco, percebe-se que os estudantes que ingressaram após a pandemia estão mais satisfeitos com a universidade. Dentre os estudantes que ingressaram antes da suspensão, 75,1% responderam “Concordo totalmente” e “Concordo Parcialmente”. Aqueles que entraram durante a Pandemia somaram 73,9% nessas opções e 93% dos estudantes que entraram após o retorno das atividades presenciais marcaram “Concordo totalmente” ou “Concordo Parcialmente”. Em relação à satisfação com o curso, os dados apontam outra realidade, sendo que praticamente não há diferença no percentual em relação aos estudantes que ingressaram antes,



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

durante ou após a suspensão das atividades presenciais. Respectivamente, os percentuais foram 87,5%, 87,0 % e 84,6%.

Figura 5 - Satisfação em relação à universidade segundo o ingresso no curso



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Após a apresentação dos resultados sobre o perfil dos estudantes e seus sentimentos em relação à universidade e ao curso, foram analisados dados relacionados à participação dos estudantes em atividades acadêmicas que são apresentados na próxima seção.

### Participação dos estudantes em atividades acadêmicas

Após a apresentação dos resultados sobre o perfil dos estudantes e seus sentimentos em relação à universidade e ao curso, foram analisados dados relacionados à participação dos estudantes em atividades acadêmicas sem considerar atividades de extensão. Os estudantes foram perguntados se participam ou já participaram de atividades acadêmicas. Os estudantes puderam marcar quantas opções desejavam, conforme apresentado na Figura 6. Foram 90 marcações, sendo que as Empresas Juniores são as atividades que mais apareceram com 21,1% das aparições. Todavia, a

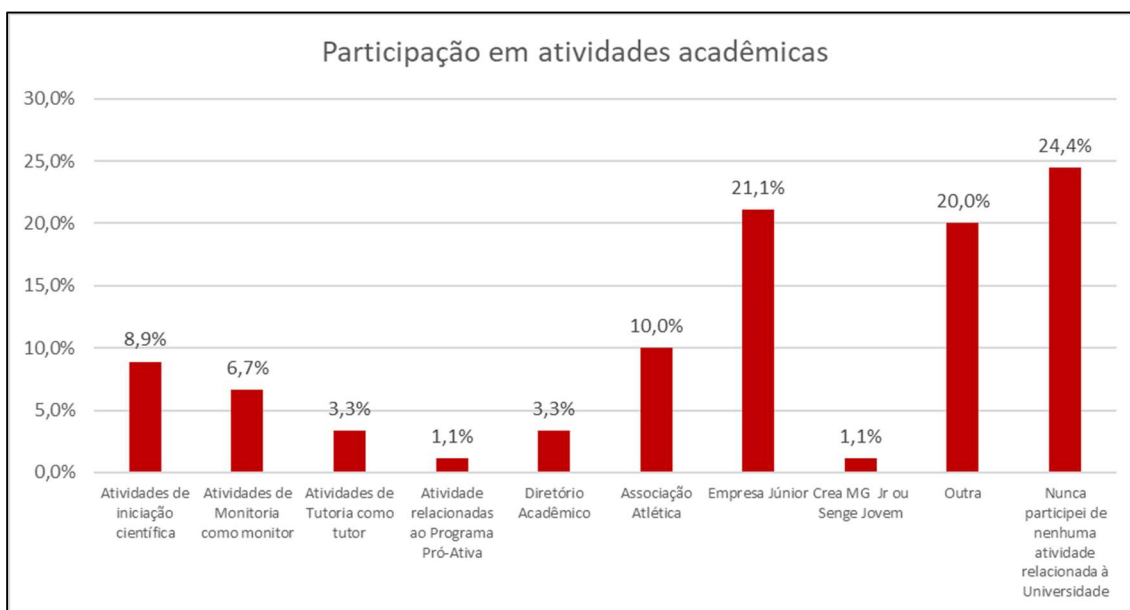




**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

opção de maior percentual foi a “Nunca participei de nenhuma atividade relacionada à Universidade” que obteve 24,4%.

Figura 6 - Participação em atividades acadêmicas



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Fazendo um recorte sobre a participação ou em atividades acadêmicas para além da extensão, considerando a entrada no curso tem-se que apenas 12,5% dos estudantes que ingressaram antes da Pandemia responderam “Nunca participei de nenhuma atividade relacionada à Universidade”. Esse percentual sobe para 43,5% dentre aqueles que ingressaram durante a Pandemia. Já entre os estudantes que ingressaram após o retorno das atividades presenciais, esse percentual vai para 61,5%. Ressalta-se que, não se fez aqui uma ponderação em relação ao tempo do estudante na Instituição.

Salienta-se que, dentre os estudantes que já participaram de alguma atividade relacionada à universidade (excluídas as atividades de extensão), 59,2% também afirmaram já ter participado ou participarem de ações de extensão.

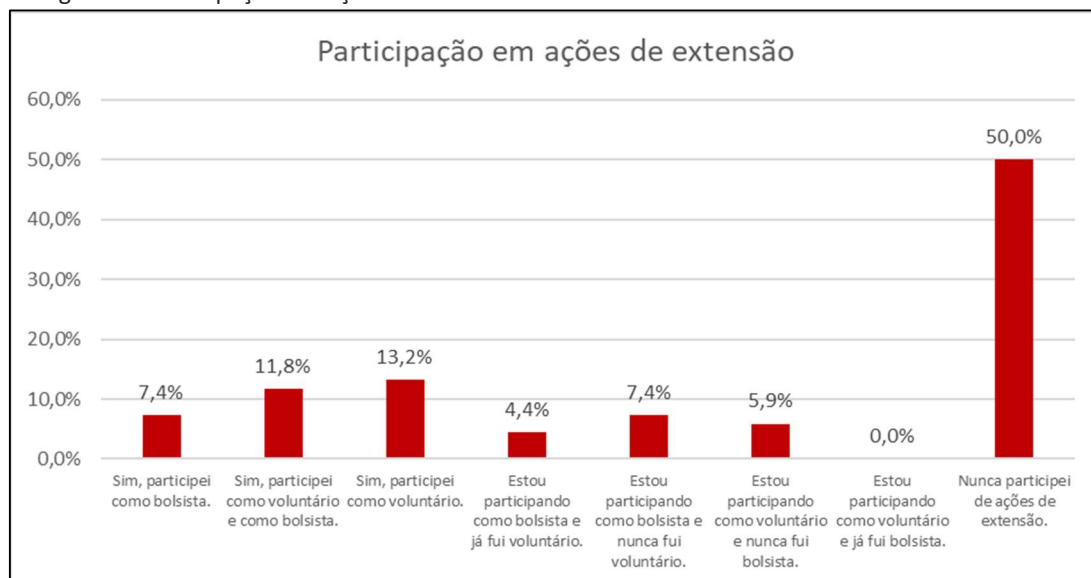


**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

### Participação dos estudantes em atividades de extensão

Além de perguntar quais atividades acadêmicas os estudantes participaram, em uma questão específica foi perguntado aos estudantes se eles participaram de atividades de extensão e como foi sua participação. As respostas são apresentadas na Figura 7 na qual pode se observar que 50% dos estudantes nunca participaram ou participam de ações de extensão., 31% possuíram ou possuem bolsas e 19% sempre participaram ou participam como voluntários.

Figura 7 - Participação em ações de extensão



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

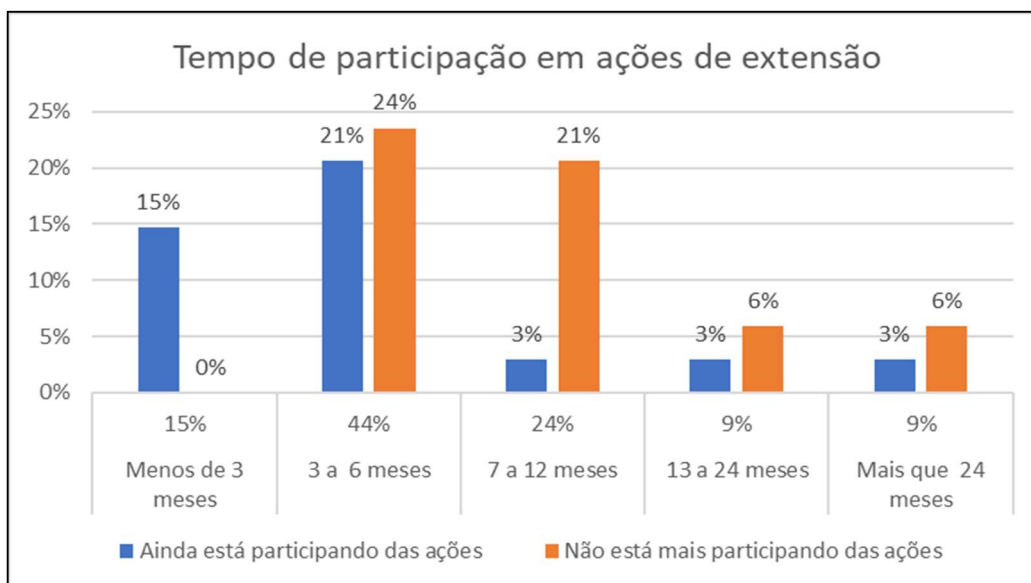
Quando se faz um recorte a partir do período de ingresso na Instituição tem-se que 31,3% dos estudantes que entraram antes da Pandemia, marcaram a opção “Nunca participei de ações de extensão”. Esse percentual vai para 56,5% dentre os estudantes que ingressaram no período em que as atividades presenciais estavam suspensas e 84,6% entre os estudantes que ingressaram após o retorno para o modo presencial. Novamente faz-se a ressalva para uma não ponderação dada ao tempo do estudante na Instituição.



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Dentre os 50% de estudantes que responderam que participam ou participaram de ações de extensão, a maioria o fez durante o período entre 3 e 6 meses. Apenas 9% permaneceu mais de 2 anos na ação, conforme pode ser observado na Figura 8. Todos os estudantes que marcaram a opção “0 a 3 meses” ainda estão participando das ações. Já dentre os estudantes que marcaram a opção “3 a 6 meses”, mais da metade dos estudantes, 53%, já não fazem mais parte da ação. Esse percentual sobe para 87,5% entre os estudantes que marcaram a opção “7 a 12 meses”.

Figura 8 - Participação em ações de extensão



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Destaca-se que, separando os estudantes por período de ingresso tem-se que, 31,5% daqueles que ingressaram antes da suspensão das atividades presenciais, nunca participaram ou participam de ações de extensão. Esse percentual sobe para 56,5% entre aqueles ingressaram nesse período e para 84,6% entre aqueles que ingressaram após o retorno das atividades presenciais.

Em seguida ao tempo de participação, os estudantes que já participaram de ações de extensão responderam os motivos pelos quais eles não participam mais das ações de extensão. Os resultados foram apresentados na Figura 9.



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Figura 9 - Motivos que deixou de participar da ação de extensão



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

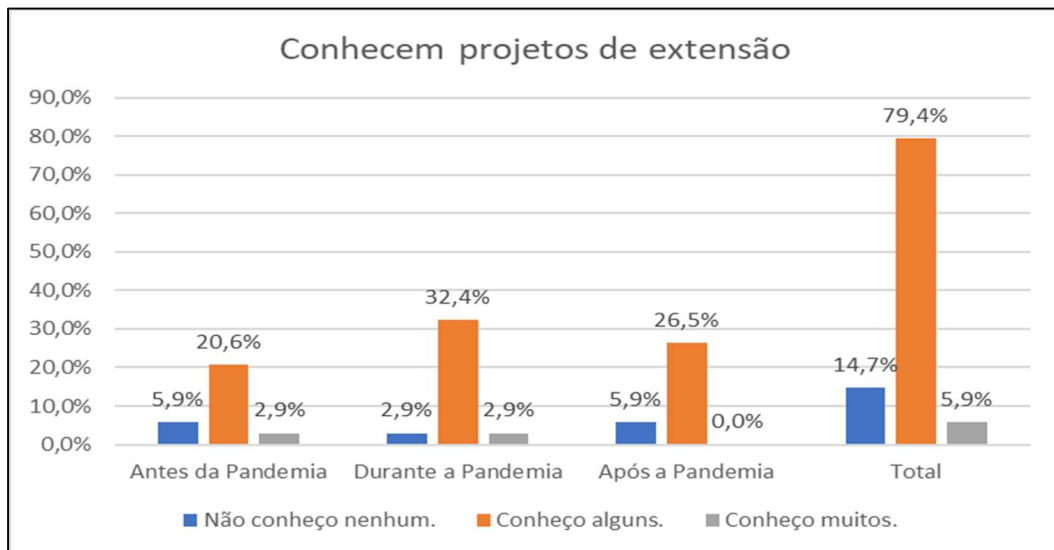
Os estudantes que responderam esta questão representam 27,9% do total da amostra. Observa-se que 42,1% dos estudantes não participaram mais de uma ação porque esta terminou e não foi continuada. Outros 26,4% saíram da ação pelo valor da bolsa, ingressar em um emprego ou ingressar em um estágio.

Para os 50% de estudantes que responderam que nunca participaram de ações de extensão foi perguntado se eles conheciam projetos de extensão da universidade, sendo os resultados apresentados na Figura 10. Dentre esses, 14,7% declararam não conhecer nenhum projeto de extensão da universidade e 79,4% marcaram a opção “Conheço Alguns”. Quando separados pelo período de ingresso, surpreendentemente, o menor percentual que declarou não conhecer nenhum projeto de extensão foram estudantes que ingressaram na universidade durante a suspensão das atividades presenciais. Também chama a atenção o baixo percentual (embora não surpreenda) de estudantes que declaram conhecer muitos projetos de extensão, e essa resposta não depende do momento de ingresso na Instituição.



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
 Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

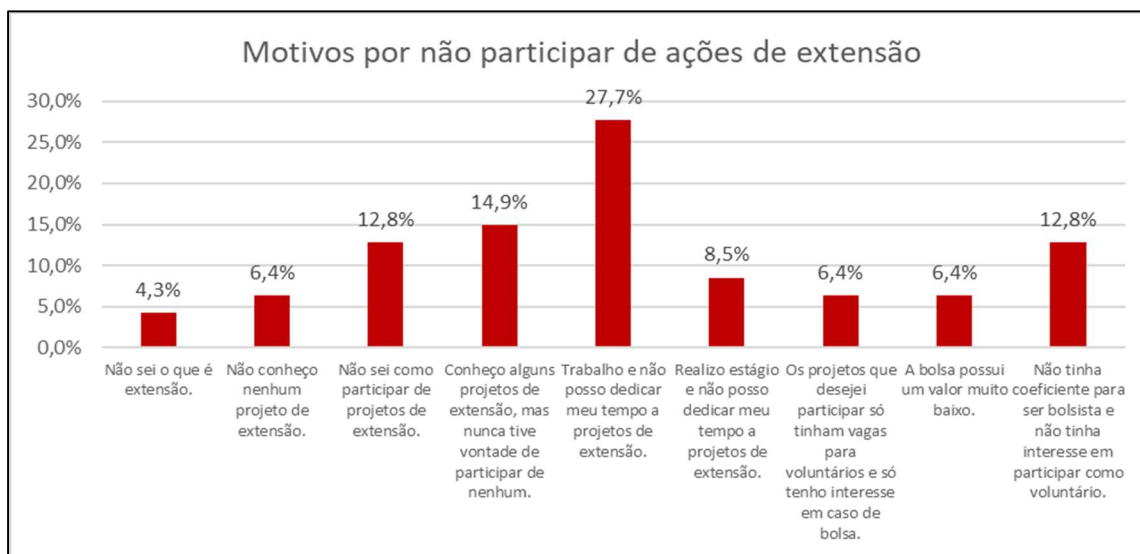
Figura 10 - Conhecimentos sobre projetos de extensão da universidade



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

Ainda para o grupo de 50% de estudantes que responderam que nunca participaram de ações de extensão, foi perguntado por quais motivos eles não participaram. Dentre 9 opções disponíveis, os estudantes puderam marcar até 2 opções. No total foram marcadas 47 opções. Portanto os percentuais apresentados na Figura 11 dizem respeito a esse número. Somando os estudantes que marcaram que não participam de ações de extensão por trabalharem ou realizarem estágios, chega-se ao percentual de 36,2%.

Figura 11 - Motivos por não participar de extensão



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

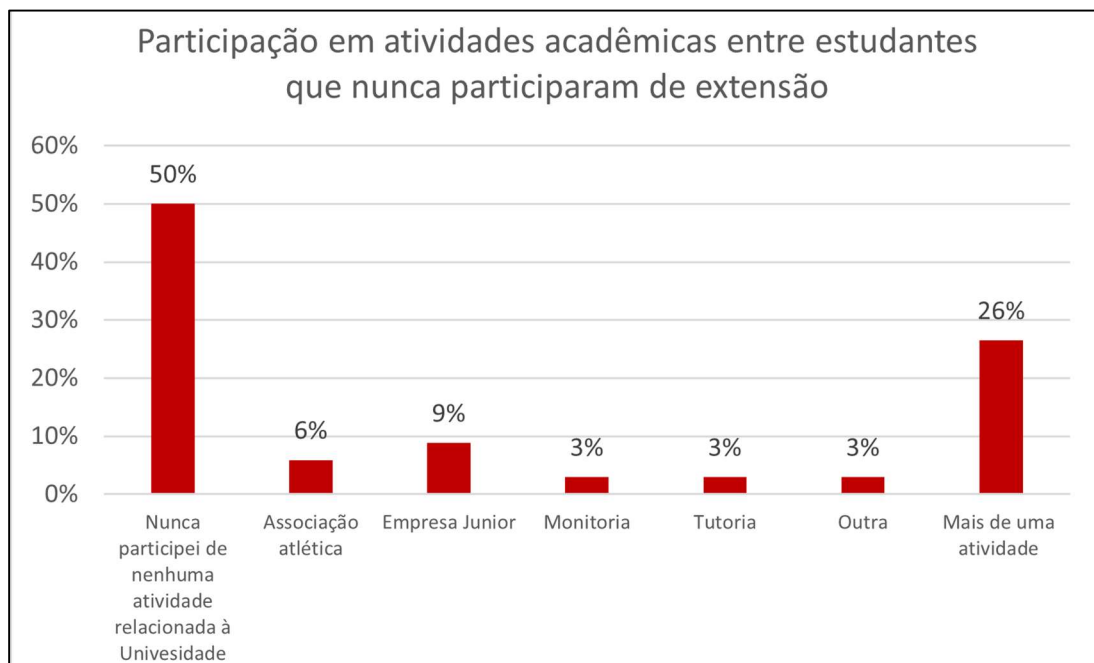


**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Chama a atenção que 4,3% marcaram a opção “Não sei o que é extensão” sendo que todos os estudantes que assinaram essa opção ingressaram em 2020-1. São quase três anos de universidade. Outro dado que se destaca é o fato de 12,8% dos estudantes falarem que não sabem como participar de ações de extensão. Avaliando o período de ingresso desses estudantes, identificou-se que 80% são ingressantes em 2022-1, todavia 20% são estudantes que ingressaram em 2017.

Verificando se os 50% de estudantes que nunca participaram de ações de extensão participaram de outras atividades acadêmicas, observou-se que 50% (25% da amostra total) nunca participaram de nenhuma atividade fora da sala de aula. Outros 26% participaram de mais de uma atividade destacando empresas juniores, associação atlética e iniciação científica, conforme dados apresentados na Figura 12.

Figura 12 - Participação em atividades relacionadas à universidade entre os que não participaram de extensão



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

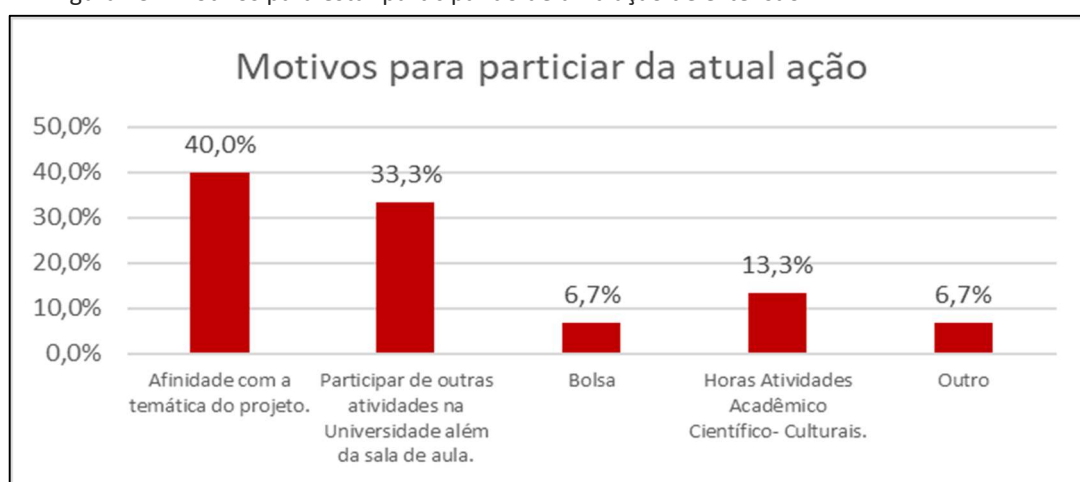
Para buscar compreender os motivos que levaram os estudantes a não participar ou saírem das ações de extensão, foi perguntado aos estudantes que ainda estão em



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

ações de extensão, 22,1% da amostra total, qual a principal razão que os fazem participar dessas atividades. Os resultados dessa pergunta são apresentados na Figura 13. Propositalmente, os estudantes só puderam marcar uma única opção. Assim, 40% afirmaram que é a afinidade com o projeto e outros 33% que o motivo principal é querer participar de alguma atividade fora da sala de aula.

Figura 13 - Motivos para estar participando de uma ação de extensão



Fonte: Autores a partir dos dados coletados

É interessante perceber que apenas 6,7% dos estudantes afirmaram ser a bolsa o motivo de participar das atividades de extensão. Todavia, na contramão desses dados, muitos estudantes afirmaram, conforme apresentado na Figura 11, que não participam de ações de extensão pelo valor da bolsa, por não existir bolsa ou por ter que fazer estágio o que sugere que as questões financeiras contribuem para a não participação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou um debate sobre quais motivos estudantes de graduação das áreas tecnológicas, participam ou não, de ações de extensão. Tal debate se deu a partir da análise de 68 respostas de estudantes de 4 cursos distintos de graduação.

Foi possível identificar que o período de ingresso do estudante somando ao tempo de universidade parece influenciar em sua participação em ações de extensão. Dentre



**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

os estudantes há mais tempo no curso, que ingressaram antes da suspensão das atividades presenciais decorrentes da Pandemia de Covid-19, o percentual que respondeu que nunca participou de ações de extensão foi de 31,5%. Esse valor sobe para 84,5% dos estudantes que ingressaram após o retorno presencial.

Todavia, quando o assunto é “Conhecer ações de Extensão”, o período de ingresso na universidade não parece influenciar visto que, independentemente do período de ingresso, a maioria parte dos estudantes afirmam conhecer, ao menos alguns projetos de extensão da universidade.

Chama a atenção o fato de quase 15% dos estudantes que nunca participaram de ações de extensão, afirmarem que não participaram porque nunca tiveram interesse e outros 12,9% apontaram não saber como participar de uma ação de extensão.

Os dados coletados permitiram observar que participar de atividades relacionadas à universidade como monitoria e iniciação científica não influenciaram na não participação em ações de extensão, visto que dentre os estudantes que responderam que participaram em atividades relacionadas à universidade, 59,2% também afirmaram já ter participado ou participarem de ações de extensão.

Necessidade de trabalhar é o principal motivos de não participar de ações de extensão. Mas também contribuem para não participar de ações de extensão, não poder ser bolsista e necessidade de realizar estágio. Destaca-se que 14,9% dos que nunca participaram de extensão afirmaram que não o fizeram porque não tiveram interesse e outros 12,8% indicaram que não participaram porque não sabem como fazê-lo.

Os dados apresentados ratificam a necessidade das universidades, ao menos aquelas que se encontram em contextos similares àqueles de onde se fez o estudo, pensar em estratégias que permitam que os estudantes com dificuldades socioeconômicas possam realizar ações de extensão. Outro aspecto é conseguir avançar em um sistema de comunicação que faça com que os estudantes se apropriem das ações de extensão da universidade.





**XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**  
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil  
**21 a 25 de novembro de 2022**  
**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

Ressalta-se que este é um estudo que contribui para ampliar o debate, já iniciado, de como fazer com que a extensão alcance maior número de estudantes, em especial nas áreas tecnológicas. O trabalho também é limitado pelas técnicas estatísticas utilizadas, pois seria possível avançar em análises de correlações e outros testes. Ademais, seria interessante, realizar pesquisas similares em outras universidades e contextos de maneira que se possa, globalmente, identificar e enfrentar o desafio do engajamento dos estudantes em ações de extensão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição. República Federativa do. **Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico**, 1988.

BRASIL. **Resolução CNE/CES 7/2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 49 e 50.

CAMPOS, Taís; VÉRAS, Renata Meira; DE ARAÚJO, Tânia Maria. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 10, p. 1-19, 2020.

CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação, Itatiba**, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

CHAVES, Vanusa Soares. **Projeto de Extensão Universitário Cidadão: uma análise sobre a prática extensionista com ênfase nas relações multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFVJM. Diamantina. 2017.

COELHO, Geraldo Ceni. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2014.

COSTA, P. T. VITÓRIA, M. I. C. Engajamento acadêmico: aportes para os processos de avaliação da educação superior. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Educere)**, 14., 2017, Curitiba. Anais...Curitiba: PUCPR: 2017. p. 2260-2271



## XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil

21 a 25 de novembro de 2022

Rio de Janeiro - RJ, Brasil

COSTA, Felizardo Tchiengo Bartolomeu; GUIMARÃES, Jeremias Lello; EDUARDO, Pedro Tavares. Extensão Universitária: Práticas e Desafios no Pós-Pandemia. **Revista Angolana de Extensão Universitária**, v. 3, n. 1, p. 07-09, 2021.

CURI FILHO, W. R. et al. Compreensão das diretrizes da extensão universitária: uma visão a partir de coordenadores de ação de extensão e uma unidade acadêmica das áreas tecnológicas. **Além dos Muros da Universidade**, v. 1, n. 1, p. 38-55, 2022.

DE NEZ, Egeslaine; ESSER, Fernanda. A extensão universitária sob foco de estudo: reflexões sobre limites e desafios. **Interagir: pensando a extensão**, n. 21, p. 01-16, 2016.

DE OLIVEIRA, Franklin Learcton Bezerra; DE ALMEIDA JÚNIOR, José Jailson; DA SILVA, Maria Leonor Paiva. Percepção dos acadêmicos em relação às dificuldades no desenvolvimento de projetos de extensão universitária. **Revista Ciência em Extensão**, v. 12, n. 2, p. 18-25, 2016.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria: Editora Pre UFSM, 2020.

FORPROEX. Fórum De Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, maio 2012

FRANÇA, Franciele Coutinho et al. Percepção dos acadêmicos de saúde sobre atividades de extensão. **Espaço para a Saúde**, v. 22, 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.

LEVINE, D. M., STEPHAN, D. F, KREHBIEL, T. C., BERENSON, M. L. **Estatística: Teoria e Aplicações usando Microsoft Excel**. 5. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LUSA, Mailiz Garibotti et al. A Universidade pública em tempos de ajustes neoliberais e desmonte de direitos. **Revista Katálysis**, v. 22, p. 536-547, 2019.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 20127.



## **XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil

**21 a 25 de novembro de 2022**

**Rio de Janeiro - RJ, Brasil**

MARTINS, Paulo Cesar Porto; MACHADO, Pedro Guilherme Basso; VOSGERAU, Dilmeire Sant Anna Ramos. Engajamento em estudantes universitários. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 7, p. e021038-e021038, 2021.

NEVES, D.S.; MALTA, S. C. L. ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: EXISTEM DIFICULDADES DOCENTES NO ENSINO SUPERIOR PARA ESTA INTEGRAÇÃO?. **Revista Form@ re-Parfor/UFPI**, v. 2, n. 1, 2014.

PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; DE ARAÚJO PONTES, Verônica Maria; SILVA, Etevaldo Almeida. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. **Revista Conexão UEPG**, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2017.

SANTANA, D. E. A extensão na percepção dos discentes do curso de engenharia civil na universidade estadual de feira. In **Anais do XL Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. Belém, 2012.

SÍVERES, L.; CARVALHO, F. G. B. A dinâmica no processo de aprendizagem na extensão universitária. In: SÍVERES, L. (Org.) **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Líber Livro, 2013.

TURRIONI, J. B., MELLO, C. H. P. **Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção**. Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção – Curso de Especialização em Qualidade e Produtividade, 2017.